

Editorial 140 - A Conta Externa Angolana: Posição do Investimento Internacional Líquido

Por: Agostinho Mateus

A análise da Posição do Investimento Internacional Líquido de Angola evidencia, em 2025, uma melhoria quantitativa relevante, mas assente numa estrutura externa que continua a revelar fragilidades significativas e desequilíbrios persistentes na composição dos fluxos e stocks financeiros.

Para efeitos analíticos, procedeu-se à reclassificação dos empréstimos titulados (Eurobonds), que o Banco Nacional de Angola (BNA) inclui na rubrica de Investimentos de Carteira. Embora esta classificação seja consistente com a óptica do investidor externo, do ponto de vista da economia angolana tais instrumentos configuram dívida e são, por isso, tratados como empréstimos. Adicionalmente, foram corrigidas inconsistências estatísticas relevantes observadas nos dados de 2024 e 2025, associadas a valorizações sem suporte em fluxos económicos, de forma a preservar a coerência intertemporal da análise. Estas correcções não alteram a leitura estrutural dos resultados, mas evitam distorções artificiais na evolução dos agregados.

No acumulado até ao 3.º Trimestre de 2025, a posição líquida, incluindo reservas, fixou-se em 17.644 milhões USD, representando um aumento de 3.274 milhões USD (+22,8%) face aos 14.369 milhões USD registados no final de 2024. Este reforço da posição externa resulta da conjugação de fluxos financeiros líquidos positivos (360 milhões USD) e, sobretudo, de efeitos de valorização favoráveis, no montante de 2.915 milhões USD.

Activos externos: expansão com deterioração qualitativa

O investimento angolano no exterior, excluindo reservas, aumentou de 34.625 para 38.030 milhões USD (+9,8%, +3.405 milhões USD). Este crescimento foi impulsionado essencialmente por duas rubricas.

A moeda e depósitos registou o maior aumento absoluto, com um acréscimo de 1.508 milhões USD, atingindo 17.846 milhões USD, dos quais 1.534 milhões correspondem a novos fluxos. Em paralelo, os créditos comerciais cresceram 1.579 milhões USD, para 12.352 milhões USD, acompanhados por um agravamento expressivo do prazo médio de recebimento, que passou de 105 dias em 2024 para 146 dias em 2025 (acumulado até ao 3.º Trimestre). Este alongamento sugere maior exposição ao risco de crédito externo e potenciais constrangimentos de liquidez.

Após as correcções metodológicas efectuadas, os restantes fluxos e valorizações não apresentam materialidade económica relevante. A estrutura dos activos externos mantém-se, assim, fortemente concentrada em moeda e depósitos (46,9%) e créditos comerciais (32,5%), que, em conjunto, representam cerca de 80% do total, reflectindo uma composição pouco diversificada e limitada em termos de retorno económico de longo prazo.

Passivos externos: crescimento assente em dívida

O investimento estrangeiro em Angola aumentou de 64.762 para 70.910 milhões USD (+9,5%, +6.148 milhões USD), com predominância clara dos instrumentos de endividamento.

Os empréstimos externos constituíram o principal factor de crescimento, com um acréscimo de 3.517 milhões USD, elevando o stock para 51.011 milhões USD. Tal como em 2024, este aumento resulta quase exclusivamente de valorizações (3.844 milhões USD), coexistindo com fluxos líquidos negativos de 327 milhões USD. A magnitude destas valorizações carece de explicação económica convincente, sendo pouco plausível que resulte apenas de efeitos cambiais associados à moeda de denominação da dívida, o que reforça a necessidade de clarificação por parte do BNA.

Em contrapartida, o Investimento Directo Estrangeiro (IDE) apresentou uma evolução particularmente positiva, com fluxos líquidos de 2.113 milhões USD, elevando o stock para 13.146 milhões USD (+19,1%). Este desempenho é relevante não apenas por corresponder aos primeiros fluxos positivos de IDE petrolífero em muitos anos (1.548 milhões USD), mas também pelo crescimento expressivo do IDE não petrolífero, que atingiu 564,8 milhões USD (+262%), sinalizando alguma recomposição sectorial do investimento produtivo.

A rubrica de moeda e depósitos registou um aumento de 224 milhões USD, para 514 milhões USD (+77,2%), embora permaneça de reduzida expressão. No acumulado até ao 3.º Trimestre, o prazo médio de pagamentos externos reduziu-se ligeiramente, de 74 para 70 dias, contrastando fortemente com o prazo médio de recebimentos de 146 dias, evidenciando um desfasamento significativo entre entradas e saídas financeiras.

A composição dos passivos externos continua, contudo, a revelar um desequilíbrio estrutural preocupante: os empréstimos representam 71,9% do total, enquanto o IDE corresponde a apenas 18,5%. Esta estrutura expõe Angola a vulnerabilidades críticas, uma vez que a dívida implica obrigações rígidas de serviço independentemente do ciclo económico, aumenta a pressão permanente sobre as reservas cambiais e amplifica o risco de insolvência em cenários de choque externo, como quedas acentuadas do preço do petróleo ou desvalorizações cambiais. O reduzido peso do IDE limita, adicionalmente, a transferência de tecnologia, a criação de emprego qualificado e a diversificação da base produtiva.

Evidência estrutural desde 2017

A evolução de médio prazo confirma uma deterioração estrutural do perfil de financiamento externo desde 2017. O stock de IDE contraiu-se de 29.436 milhões USD para 13.146 milhões USD em 2025, uma redução de 55%, reflectindo uma erosão prolongada da confiança dos investidores no ambiente de negócios, na previsibilidade regulatória e na rentabilidade do investimento real.

Em sentido oposto, os empréstimos externos aumentaram de 48.013 para 51.011 milhões USD (+6%), reforçando a dependência de financiamento por dívida. A rubrica de moeda e depósitos sofreu uma contracção acentuada, de 2.355 para 514 milhões USD (-78%),

sinalizando retração significativa da exposição dos não-residentes ao sistema financeiro nacional, compatível com percepções acrescidas de risco cambial e bancário.

Paralelamente, os créditos comerciais e adiantamentos cresceram de forma muito expressiva, de 894 para 4.517 milhões USD (+405%), indicando que uma parcela crescente do financiamento externo ocorre através do diferimento de pagamentos de importações — mecanismo típico de economias sujeitas a restrições de divisas e acesso limitado a financiamento externo de longo prazo.

Assim, embora o stock total de investimento estrangeiro tenha recuado apenas cerca de 13% desde 2017, a sua composição degradou-se de forma significativa. Do ponto de vista macroeconómico, esta recomposição traduz-se em maior fragilidade externa, menor potencial de crescimento sustentado e maior exposição da economia angolana a choques adversos nos mercados internacionais de financiamento.